

## **A contribuição da WebTV Uneb Juazeiro na disseminação de um jornalismo contextualizado com o Semiárido brasileiro e seu caráter educacional<sup>1</sup>**

Luana Dias ROCHA<sup>2</sup>

Fabíola Moura Reis SANTOS<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### **RESUMO**

O território Semiárido é pautado pela mídia de forma estereotipada e descontextualizada, porém, dentro da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro, o estudante de jornalismo, ao ter acesso a embasamento teórico e discussões acerca do tema, adquire conhecimento para contribuir com a mudança desse cenário. Tomando como ponto de partida o projeto “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB)”, esse estudo pretende reforçar as contribuições da *WebTV* Uneb Juazeiro como prática jornalística e educacional dentro da universidade e como aporte não apenas para os alunos, mas também para as pessoas que podem ter acesso aos trabalhos realizados por eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** WebTV Uneb Juazeiro; Jornalismo contextualizado com o Semiárido Brasileiro; Educação; Semiárido brasileiro; Telejornalismo Educativo.

### **INTRODUÇÃO**

Os meios de comunicação de massa produzem, atualmente, um conteúdo sobre os territórios semiáridos brasileiros baseado em duas fases que se repetem ciclicamente: a fase das cheias e a da seca. As pautas que são realizadas sobre a região são carentes de informações relevantes e de embasamento sobre o assunto, contribuindo para que o estereótipo do Semiárido como região infértil e sem vida seja apenas reforçado, assim como a imagem do sertanejo sofrido e infeliz.

De acordo com Albuquerque (1994, apud KRAUS, 2015, p. 31):

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do curso de Jornalismo em Mídias da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: luana--12@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Mídias da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: fabiolamsantos@hotmail.com.

---

A representação simbólica do Nordeste pinta um quadro de seca, de miséria e de sofrimento; de homens fortes e resistentes, capazes de sobreviver num lugar tão hostil; de revoltas e fanatismo religioso; de tradições e de preservação de relações pré-capitalistas.

Foi com o objetivo de dar visibilidade à prática dos alunos de Jornalismo em Múltiplos Meios que surgiu a *WebTV Uneb Juazeiro*, subproduto do projeto de extensão *Programas Experimentais de Televisão*. A plataforma digital educativa não faz apenas entrevistas, documentários e pautas culturais, mas também divulga as riquezas dos territórios Semiáridos e os diversos projetos do Vale do São Francisco que têm como foco a vivência com a região. A *WebTV* produz material telejornalístico que contribui para a proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB), com conteúdos produzidos pelos estudantes de Jornalismo, coordenados pelos professores da universidade e disponíveis para que qualquer pessoa possa visualizar.

Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, segundo Santos (2016, p. 17),

[...] é uma proposição que investe nas variadas possibilidades de representações sobre esses territórios que se aproximem da realidade, sem omissões e/ou distorções, com uma diversidade de produção de sentidos, temáticas e abordagens, onde o enfoque jornalístico caminha de forma equilibrada com a proposta educativa.

E é através da *WebTV* que o aluno não apenas apreende a proposta do jornalismo contextualizado e sobre o território a que pertence (o Semiárido), mas ensina, dentro de uma perspectiva educacional. Paulo Freire (2014) diz que:

O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária<sup>4</sup>. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação.

Dessa maneira, o jornalista (neste caso, o estudante de jornalismo), como também acaba por ser um educador, tem a tarefa de pautar os assuntos da maneira correta e, dessa forma, transformar o que está ao seu redor.

## **METODOLOGIA**

Esse projeto foi construído com o intuito de estudar a importância da prática dentro do curso de jornalismo, com foco na área do telejornalismo, para mostrar que, mesmo estando dentro da universidade, os alunos já podem contribuir com a transformação da imagem do

---

<sup>4</sup> Consciência bancária, segundo Paulo Freire (2014), é aquela relação em que apenas o educador tem o papel de ensinar e o aluno tem o papel de absorver.

ambiente no qual estão inseridos, ao mesmo tempo que se preparam para o futuro como jornalistas.

Como exemplo argumentativo usamos a *WebTV* UNEB do campus Juazeiro - BA, na qual os alunos podem produzir seus conteúdos e praticar o que é visto em sala de aula, ao mesmo tempo em que tentam, a cada matéria, contextualizar o Semiárido. Como fazem parte do território em questão e como estudantes, os alunos adquirem acesso a um conhecimento que não é toda a população que tem e é dessa forma que eles estudam ao mesmo tempo em que ensinam.

A proposta é atrelar as produções da *WebTV* ao projeto de pesquisa *Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro*, da professora Fabíola Moura, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) campus Juazeiro, e maturar a ideia do jornalismo contextualizado, dessa vez com o olhar voltado para a educomunicação.

É inegável o poder da mídia na construção das identidades, mas não se pode subestimar o poder do indivíduo em reinventar e identificar as contradições do processo de comunicação. Procurando ressignificar o uso da mídia, a educomunicação contribui para que os meios de comunicação sejam usados como elementos de transformação social. (LIMA e OLIVEIRA, 2014, p. 3).

Para que tal objetivo seja alcançado, serão analisadas 4 matérias produzidas pelos alunos de jornalismo da Uneb de Juazeiro, através da *WebTV*, no programa *Coisas do Sertão*. O modo de análise utilizado será a Análise do Discurso, já que, segundo Rita Catalina Aquino e Regina Mutti (2006, p. 680-681):

[...] pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de idéias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar.

Dessa maneira, o texto (*OFF*) das matérias, assim como a passagem dos repórteres e o discurso das fontes serão analisados de modo a explicitar que tipo de abordagem os alunos deram às pautas produzidas e de que forma isso pode contribuir com a contextualização e mudança do cenário hostil dos territórios semiáridos que é representado na mídia. José Azevedo (1998, p. 108) diz que “a linguagem é intencional e interpretativa”, e ainda complementa:

A ideia central em toda “investigação discursiva” é assim a de salientar as formas em que a linguagem constrói, regula e controla o conhecimento, as relações sociais e as instituições, e de examinar as formas pelas quais as pessoas utilizam activamente a linguagem na construção do significado da vida quotidiana.

Os quatro vídeos analisados foram escolhidos pelo seguinte critério:

---

**Vídeo 1: Coisas do Sertão – Artes Plásticas.** Nessa matéria é mostrada a arte de um artista específico que contribui para a desmistificação de símbolos do Semiárido brasileiro, como a carcaça de boi.

**Vídeo 2: Coisas do Sertão – Plantas Medicinais.** Explicita o quanto a flora do Semiárido é rica quando se trata de questões medicinais e mostra plantas que são específicas da caatinga.

**Vídeo 3: Coisas do Sertão – Livros proporcionam novos olhares sobre o Semiárido Nordestino.** Debate o quanto é importante ter uma educação contextualizada e a necessidade de livros regionais que façam as crianças se perceberem dentro do Semiárido brasileiro, que é um território muito mais rico do que é mostrado em livros didáticos vindos do Sul/Sudeste.

**Vídeo 4: Coisas do Sertão – Tatauí.** Mostra técnicas de armazenamento de água, como a cisterna, para que o homem possa conviver com o Semiárido.

Analisando essas reportagens, que foram todos produzidas pelos alunos, será possível perceber o quanto a mudança no discurso e o tratamento das palavras têm grande importância no momento de desconstrução da imagem do Semiárido.

## **DISCURSO DA MÍDIA: EXISTE COMBATE À SECA?**

O que é visto comumente na mídia é que o Semiárido é um “*espaço-problema, terra das secas, região de fome e da miséria*” (SILVA, 2003, p. 361) e o discurso é de que é necessário combater a seca, que é, como demonstra a grande mídia, a causa da pobreza e da morte nesses territórios.

Na verdade, essa estigmatização não surgiu com o jornalismo, mas é divulgado por ele:

Na literatura, na dramaturgia, na música e nas artes plásticas do início do século XX, o tema da seca também apareceu como um fenômeno relacionado aos desastres sociais e morais, uma fatalidade que desorganizava o modo de vida das famílias e da sociedade, sendo responsabilizada pelas conflitos sociais na região (o cangaço e o messianismo), naturalizando as questões sociais. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, retrata a área de domínio do Semi-árido como uma realidade hostil ao sertanejo. *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, também retrata a seca como explicação da desorganização da vida. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 121, apud SILVA, 2003, p. 362).

Silva (2003, p. 363) explica que, em 1980, instituições públicas de pesquisa e extensão rural voltadas para a questão do Semiárido, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), passaram a desenvolver técnicas que trabalhassem com o conceito de convivência com o Semiárido e com a estiagem e não com a ideia de combatê-la. Até porque, como é

possível combater características climáticas? Características essas que são a aridez, a imprevisibilidade das chuvas e a presença de solos pobres em matéria orgânica, que não têm como serem modificadas.

De lá para cá, surgiram diversas organizações voltadas para esse propósito, como a Articulação do Semiárido (ASA), que lançou a *Declaração do Semiárido*, em 1999, afirmando que a convivência com esse território é muito possível (SILVA, 2003, p. 364). Apesar disso, a grande mídia continua pautando essa região da forma estereotipada como Euclides da Cunha e Rachel de Queiroz fizeram em *Os sertões* e *O quinze*, respectivamente.

A vegetação da caatinga<sup>5</sup>, por exemplo, é bastante rica, mas não é pautada. Segundo Silva (2003, p. 366):

Trata-se de um bioma caracteristicamente brasileiro, com alta biodiversidade, onde se destaca a formação vegetal xerófila (adaptada à seca) com folhas pequenas que reduzem a transpiração, os caules suculentos para armazenar água e as raízes espalhadas para capturar o máximo de água durante as chuvas. Além das cactáceas, destacam-se espécies arbóreas, herbáceas e arbustivas, sendo algumas endêmicas. Ao caírem as primeiras chuvas, a caatinga perde seu aspecto rude e torna-se verde e florida [...].

Roberto Marinho Silva (2003, p. 367) esclarece que, na época da colonização, a agricultura na região Semiárida era baseada no plantio de mandioca, milho e feijão e que o solo não era tratado corretamente, com queimadas e plantio de culturas diversas em um mesmo chão. Foi dessa forma que o Semiárido se tornou uma das terras mais erodidas do Brasil. Mas isso não significa que é impossível plantar nesse local.

De acordo com a Articulação do Semiárido, a ASA, existem sementes específicas para o solo em questão e formas de tratá-las. A organização lançou, em 2015, um projeto voltado para a estocagem de sementes crioulas<sup>6</sup> (ou Sementes da Paixão, da Resistência, da Gente, da Fatura, da Vida), que também ensina as famílias como armazenar água para beber e produzir.

Em contrapartida, o governo tem o costume de entregar, em regiões Semiáridas, sementes que não têm como germinar nesse tipo de solo. E aí, quando a plantação não dá certo, mostra-se na TV que a região está passando por momentos de terror porque as pessoas não têm

---

<sup>5</sup> Caatinga, na linguagem indígena, significa Mata Branca (SILVA, 2003, p. 366). Mata Branca porque, em seus períodos de estiagem, possui como característica uma cor acinzentada, que, após algumas chuvas, fica verde novamente.

<sup>6</sup>Segundo a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário: “Desde o início do cultivo da terra, há 10 mil anos, selecionar as melhores plantas – as mais produtivas ou mais adaptadas ao solo e clima – é prática constante dos agricultores. Desse processo, surgiram as muitas variedades de plantas que existem hoje. Essas sementes que constituem um patrimônio genético e cultural podem ser separadas em dois grandes grupos, as produzidas em indústrias e as tradicionais, também chamadas crioulas – que não sofrem nenhum tipo de modificação genética.”

---

o que comer. É aí que surge o questionamento: quem causa a pobreza nesse território é o clima ou são as políticas mal administradas dos governos?

A mesma coisa acontece com os caminhões-pipa que são mandados para o abastecimento das casas das famílias. Como já foi denunciado em reportagens televisivas, como uma do Profissão Repórter<sup>7</sup>, muitas vezes a água levada não é tratada, já é entregue com uma cor amarronzada e as pessoas a usam mesmo assim porque não têm outra opção. Além disso, a água uma hora vai acabar e outro caminhão-pipa terá de ser enviado. O problema é que, desta forma, a população fica dependente das ações do governo e isso é usado até no momento das eleições, quando os políticos precisam da simpatia da população para ganhar votos.

Talvez por não ter conhecimento sobre isso (ou até mesmo tendo), a mídia faz um discurso de que a região está seca e miserável e que o governo está tentando ajudar. Então coloca imagens chocantes de ossadas de animais mortos (em sua maioria, bovinos) e escandalizam e sensacionalizam, de forma que todo o mundo, até mesmo as pessoas que vivem na região, acreditam.

Kovach e Rosenstiel (2004, apud ZAMITH, 2011, p.13) dizem que “A finalidade do jornalismo é fornecer às pessoas a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem”. O que falta realmente é uma (re)educação não apenas das pessoas, mas também dos jornalistas, já que estes são o elo entre o conhecimento e a população e acabam sendo educadores também. É para desmistificar e desestereotipar a região Semiárida que a produção do jornalismo contextualizado é necessária.

## **A WEBTV UNEB JUAZEIRO EM UMA PERSPECTIVA EDUCOMUNICACIONAL**

Como já foi dito, a WEBTV UNEB Juazeiro é uma alternativa de conteúdo frente à grande mídia. Os alunos podem ir além do que apenas absorver informações a partir do momento em que produzem as matérias e praticam como repórteres, e, o mais importante, têm o poder de ensinar a quem assiste. Para Paulo Freire (1996, p. 12), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

O jornalista, que está presente no dia a dia das pessoas a cada notícia, é muito importante na formação do imaginário popular. Quando se fala apenas de violência em algum lugar do mundo, é normal que uma parte da população tenha medo de ir até lá, porque acredita-se que

---

<sup>7</sup> Foi exibida uma reportagem com o tema da seca no Nordeste, com seus problemas de sensacionalismo e estereótipo, que já essa é uma fórmula comum do território ser pautado pela grande mídia. Entretanto, em certo momento, é mostrado que a água que abastece algumas casas e escolas foi buscada em um açude sujo.

se está no jornal então é verdade. Da mesma forma acontece com o Semiárido quando é tratado de forma errônea: as pessoas pensam que é uma região inteiramente rural onde todo mundo passa fome e sede, que todos os animais estão prestes a morrer e que em algum momento as famílias vão para o Sudeste/Sul do Brasil procurar novas oportunidades de vida.

Por conseguinte, é dever do profissional estudar e dar novos vieses para o que acontece no mundo, neste caso em particular, à região Semiárida. Paulo Freire (1996, p. 16) comenta: “Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Quando fala em novidade, Freire quer dizer aquilo que não nos era sabido antes, mesmo que já estivesse lá o tempo todo. Neste caso, a possibilidade de convivência com o Semiárido é a novidade.

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento não existente. (FREIRE, 1996, p. 15).

Lima e Oliveira (2013, p. 5) comparam o pensamento de Paulo Freire ao do filósofo italiano Antonio Gramsci, que atribui ao professor e ao jornalista um papel de destaque nos momentos de transformação da sociedade. O papel da educação, para eles, é um compromisso com a mudança social.

Para mais, o fato de os estudantes, que também atuam como educadores, fazerem parte do ambiente que estão tentando contextualizar é muito importante. Segundo Freire (1983, apud LIMA e OLIVEIRA, 2013, p. 6), se alguém estiver próximo do seu objeto de estudo e fizer parte da comunidade, terá mais consciência desta realidade e acabará agindo como sujeito e não apenas como mera audiência.

À vista disso, uma das propostas da *WebTV* UNEB Juazeiro é essa: ensinar enquanto se aprende e aprender enquanto se ensina. Educação esta que tem o poder de transformar o olhar das pessoas em relação ao Semiárido a às pessoas que fazem parte deste território.

## **ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DA *WEBTV* UNEB JUAZEIRO**

### **VÍDEO 1: Artes plásticas**

Na cabeça da reportagem já é possível perceber um discurso diferente do que estamos acostumados. A cabeça de gado, que costuma aparecer no chão seco como forma de representar morte e miséria, tem, nessa reportagem, outro significado: “Com tinta e spray, artista

Juazeirense reinventa o significado de um dos **símbolos mais estereotipados sobre o semiárido nordestino, a cabeça de gado**. Neste 'Coisas do Sertão', Euri conta como **transformar antigos preconceitos através da arte**. É o que mostra o repórter Leonardo Teixeira.”

O *OFF* do repórter/aluno começa relembrando algumas obras famosas no mundo das artes plásticas que estigmatizavam os territórios semiáridos como ambientes de tristeza e pobreza. Porém, o entrevistado Euri Mania, *rapper* e artista plástico, que faz arte com símbolos do Semiárido, pontua: “Quando a gente **ressignifica essa imagem do crânio do boi, da carcaça**, que é algo de morte, coloca cores, coloca vida neles, a gente meio que tá dizendo ‘olha, é um símbolo de não-adaptação mas que a gente consegue adaptar’”. Em outro momento, ainda diz: “A arte pode contribuir também como um meio de mostrar a **verdadeira imagem mesmo, o contexto que a gente vive**”.

A pauta é diferenciada por mostrar que no Semiárido também tem arte, como a pintura e o *rap* e que através dela procura-se representar a região da forma correta, tentando quebrar os estereótipos que a rodeiam. Sendo assim, essa é uma matéria que muda o viés de apresentação dos símbolos que são usados pela mídia para representar os territórios Semiáridos como terras mortas.

## **VÍDEO 2: Livros proporcionam novos olhares sobre o Semiárido nordestino**

“Livros como 'Os sertões', de Euclides da Cunha e 'Vidas Secas', de Graciliano Ramos, construíram no imaginário de muitas pessoas uma **imagem distorcida sobre o Nordeste**. Em Juazeiro e Petrolina **escritores, instituições e educadores do ensino básico estão mudando este cenário**”. Essa é a cabeça da reportagem, que explicita o quanto a imagem do Nordeste em específico é distorcida e como foi construída através de obras famosas.

Já no *OFF*, a repórter/aluna narra: “No Vale do São Francisco, recentes produções estão indo de encontro a este estereótipo negativo e **colocam em evidência as riquezas e potencialidades deste território**”. A pauta, portanto, é mostrar que existem produções literárias diferentes das que foram citadas na cabeça e que, ao contrário delas, enaltecem as belezas do Semiárido.

Ainda no *OFF* é dito: “[...] o autor destaca o uso de **plantas medicinais** para chás e xaropes, as **frutas nativas dessa região, como o maracujá da caatinga, alimentos para os animais, os reservatórios naturais de água e os períodos de safra**”. E então a primeira fonte, que é um escritor, explica como faz suas obras: “ele (o Semiárido) é representado de forma de um **lugar acolhedor**”.



A repórter continua falando sobre a importância das obras: “Para valorizar as **belezas naturais do Semiárido nordestino e mostrar que a região não é seca e sem vida**, se refere a primavera, colheita, animais e ao ato de semear.”. E acrescenta: “A ideia é apresentar narrativas que possibilitem as crianças **conhecerem a riqueza do local onde vivem, diferente do que é apresentado no modelo didático fornecido pelo Ministério da Educação, que não contextualiza com a realidade dos alunos**”.

Uma outra fonte, professora, também traz em seu discurso a riqueza do território: “Diferentemente dos livros didáticos que vêm do eixo sul-sudeste, ele (o livro) não vai trazer um Semiárido improdutivo, um Semiárido feio, muito pelo contrário. Ele vai trazer um **Semiárido cheio de riquezas, cheio de cultura, que se produz vida, que se produz arte, que se produz de fato o bem-viver**”. Esse bem-viver, inclusive, é muito importante quando se fala de Semiárido, já que muitas pessoas pensam que é impossível viver bem nesses territórios.

Para finalizar a reportagem, uma criança fala: “tem umas plantas que não sabia que *existia* e agora estou sabendo”. Ela só deixa claro o quanto continuaria sem saber das potencialidades das plantas do Semiárido nordestino se continuasse a ler apenas o material que vem de outras regiões.

### **VÍDEO 3: Tatauí**

Logo no início da reportagem, já é possível perceber, na fala do repórter/aluno, um discurso diferenciado: “O cenário não deixa dúvida. O ambiente cinzento, o sol forte e o céu com poucas nuvens mostram que é tempo de seca”. Até essa parte, parece que o repórter está apenas dizendo o mesmo que é visto pela grande mídia, então ele complementa: “**mas o homem do Semiárido precisa conviver com os períodos de estiagem e, para isso, armazenar água é essencial**”. É desta forma que o discurso fica diferente. Não são negadas as características do Semiárido, porque elas existem, assim como os períodos de estiagem, mas é dito também que o homem tem como conviver com essas especificidades. E, no decorrer da matéria, são mostradas algumas formas de como fazer isso através de cisternas.

Além de explicar para que serve cada tipo de cisterna, também detalha sobre a capacidade de cada uma de forma bastante didática e como funciona o armazenamento. Uma das fontes, uma agricultora, confirma o que é dito pelo repórter: “o consumo na casa, *pra* passar pano, *pra* lavar *prato*, *pra* cozinhar, **tudo é daqui da cisterna**”.

Outro agricultor conta: “eu tenho água *pra* fazer meu *plantiozin*, *pra* dar a meus animais. **Não me falta a água.** [...] toda vida que eu queria água, ia buscar no canal *pra* dar a *meus bicho* e agora é só abrir a cisterna e jogar *nos coxo* deles.

Para finalizar a matéria, o repórter enfatiza que “[...]o sertanejo não precisa abandonar a própria terra quando a estiagem chega ao sertão.” É importante destacar coisas como essa, já que é mostrado muito na mídia o quanto as pessoas saem do Semiárido para procurar oportunidades em outros locais.

#### VÍDEO 4: Plantas medicinais

A riqueza da flora da caatinga é explicitada quando se fala de espécies típicas apenas da região, logo no início da reportagem: “O patrimônio biológico da caatinga é encontrado **apenas** no Nordeste brasileiro. São mais de **novecentas espécies vegetais típicas** do bioma”.

O objetivo da reportagem é mostrar que existem plantas exclusivas da caatinga que são medicinais e que há pesquisadores que estudam essas plantas em laboratório para comprovar a eficácia delas como medicamento.

O pesquisador que é fonte conta: “[...] esses flavonoides têm uma infinidade de aplicações, de atividades terapêuticas, como por exemplo no **tratamento do câncer, tratamento de inflamações, tratamento de infecções microbianas, tratamento de infecções por fungos**”. Essas são as possibilidades que podem ser encontradas em plantas exclusivas da região e que muita gente não sabe porque não é pautado.

Ainda mostra-se um instituto que usa plantas da caatinga para oferecer terapias naturais. O fitoterapeuta do instituto conta que “A fitoterapia você tira da natureza, da caatinga, plantas nativas **para fazer chás, pra fazer tintura, pra fazer lambedores, que vai curar, que vai ajudar o organismo a se libertar das doenças**”. Portanto, nessa reportagem é possível perceber que a flora da caatinga é muito mais rica do que se pensa, já que o que é mostrado comumente na mídia são plantas secas que não parecem ter potencial algum.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, no decorrer desta pesquisa, o quanto as novas tecnologias, como a *internet*, podem ser utilizadas como plataforma educativa. Conforme Fernando Zamith (2011, p. 19):

O surgimento, expansão e popularização da Internet, em especial a partir da década de 1990 e sobretudo no século 21, com a vulgarização da sua interface gráfica *World Wide Web*, provocou uma adesão quase instintiva por parte daqueles que daí em diante passaram a ser designados “meios tradicionais” de difusão de jornalismo. A imprensa, o rádio e a televisão perceberam que tinham na Internet uma forma adicional de chegar às suas audiências e de, eventualmente, conquistar novos públicos e novas receitas, usando-a como suporte alternativo da sua produção.

---

A *internet*, portanto, é o espaço que as pessoas têm para colocar qualquer assunto que acharem relevante. É por isso que a *WebTV* UNEB Juazeiro cria conteúdo com um dos focos na contextualização do território Semiárido brasileiro.

Além disso, esse é um espaço onde a educomunicação pode ser bastante fortalecida a partir do momento em que os internautas começam a interagir. Quando comentam ou divulgam o material da *WebTV*, estão dando um *feedback* em relação ao conteúdo e contribuindo com suas críticas e ideias. “A internet não é um megafone. A internet é conversa”, como disse Lasica (1996, p. 33, apud ZAMITH, 2011, p. 27).

Nesse ajuntamento de possibilidades de prática jornalística, educomunicação e contextualização do território Semiárido, o estudante tem a possibilidade de crescer bastante intelectualmente e como profissional e ainda tem a oportunidade de mostrar os seus novos conhecimentos na plataforma *online*, onde qualquer pessoa pode ter acesso.

## REFERÊNCIAS

ASA Brasil. **Sementes do Semiárido**. Disponível em:

<<http://www.asabrasil.org.br/acoes/sementes-do-semiarido>>. Acesso em 5 de mar. de 2018.

AZEVEDO, José. Metodologias qualitativas: análise do discurso. In: ESTEVES, Antonio Joaquim; AZEVEDO, José. Metodologias qualitativas para as ciências sociais  
ESTEVES, António Joaquim; AZEVEDO, José. **Metodologias qualitativas para as ciências sociais**. 1998, p. 107-114.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa**: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. São Paulo: Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Globo Play. **Profissão Repórter mostra as dificuldades das vítimas da seca no Nordeste**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2587553/>>. Acesso em 5 de mar. de 2018.

KRAUS, Lalita. **A educação contextualizada no Semiárido brasileiro**: entre desconstrução de estereótipos e construção de uma nova territorialidade. *Revista de Geografia*, v. 32, n. 1, 2015.

LIMA, Marcelo Fernando de; OLIVEIRA, Eliane Basilio de. **As contribuições de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin para a educomunicação**. *Temática*, v. 9, n. 2, p. 1-11, 2013.

SANTOS, Fabíola Moura Reis. **O Sertão que a TV não vê: o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro**. 2016. Dissertação (Mestrado em educação, cultura e territórios Semiáridos)–PPGESA. Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro.

Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário. **Sementes Crioulas**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/tags/sementes-crioulas>>. Acesso em 6 de mar. de 2018.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido**. *Sociedade e estado*, Brasília, v. 18, n. 1-2, p. 361-385, 2003.

WEBTV UNEB JUAZEIRO. **Coisas do Sertão – Artes Plásticas**. 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PkxKrwpyw\\_w&index=3&list=PL-l6cnKbED-j0LSWWEZxt7JeCcepC7aKr](https://www.youtube.com/watch?v=PkxKrwpyw_w&index=3&list=PL-l6cnKbED-j0LSWWEZxt7JeCcepC7aKr)>. Acesso em 9 de mai. de 2018.

WEBTV UNEB JUAZEIRO. **Coisas do Sertão – Livros proporcionam novos olhares sobre o Semiárido**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k07n1UrDFmY&list=PL-l6cnKbED-j0LSWWEZxt7JeCcepC7aKr&index=5>>. Acesso em 9 de mai. de 2018.

WEBTV UNEB JUAZEIRO. **Coisas do Sertão – Tatauí**. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MDXkP4hLKk4&index=30&list=PL-l6cnKbED-j0LSWWEZxt7JeCcepC7aKr>>. Acesso em 9 de mai. de 2018.

WEBTV UNEB JUAZEIRO. **Coisas do Sertão – Plantas Mediciniais**. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MO7IaKdGUTA&index=20&list=PL-l6cnKbED-j0LSWWEZxt7JeCcepC7aKr>>. Acesso em 9 de mai. de 2018.

ZAMITH, Fernando. **A contextualização no ciberjornalismo**. 2011. Tese de doutoramento (Informação e comunicação em plataformas digitais). Departamento de comunicação e arte, Universidade de aveiro, Portugal.